

# Responsabilidade ambiental individualizada e complexidade na Suécia

DOI: 10.3395/receis.v3i4.186pt



*Karin Skill*

Departamento de Gestão e Engenharia,  
Universidade de Linköping, Linköping  
Suécia  
karin.skill@liu.se

## Resumo

O presente artigo debate a individualização da responsabilidade ambiental, assim como os requisitos, visando refletir sobre as consequências ambientais das atividades do dia a dia, o que é feito com relação à ideia de que a consciência dos riscos e problemas ambientais influenciarão as atividades ambientais. Foram investigadas as atividades sustentáveis na vida do dia a dia de 64 domicílios suecos, em uma pesquisa multidisciplinar e qualitativa. Ao interagir com intrincados sistemas sociotécnicos para viver a vida do dia a dia, esses domicílios podem exercer e sofrer impactos do ambiente de locais próximos e afastados, e o enfoque agora reside em como eles concebem essas influências e sua responsabilidade com relação ao ambiente. O debate girará em relação a um conjunto de categorias referentes às maneiras como os entrevistados descrevem os problemas ambientais. Este artigo mostra que moradores conhecem os problemas e riscos ambientais e acreditam que tenham uma responsabilidade pessoal, que consideram ser, sobretudo, a reciclagem. O artigo, porém, também discute argumentos sobre domicílios que não agem de maneira pró-ambiental. A discussão teórica se processa com relação à refletividade e à sociedade de risco, e as conclusões estão vinculadas aos desafios que a complexidade levanta para a possibilidade de refletir sobre as consequências ambientais e para agir de maneira pró-ambiental.

## Palavras-chave

problemas ambientais; risco; responsabilidade; ação; competência; complexidade; sociedade de risco

## Introdução

Há uma preocupação crescente com relação às condições do ambiente. Posto que se crê que os problemas ambientais sejam causados pela ação humana, é importante estudar os fatores que influenciam o comportamento ambiental. Nas últimas décadas houve uma mudança de enfoque,

de soluções que privilegiavam a saída da tubulação nas indústrias, para os requisitos aos indivíduos, devendo esses mudarem as suas práticas do dia a dia com relação ao transporte, consumo e reciclagem, visando diminuir o impacto negativo sobre o ambiente (UNCED, 1993; MEADOWCROFT, 2002). Indica, pois, uma individualização e a

privatização das responsabilidades (SEGERBERG, 2005), esperando-se das pessoas que mudem as práticas em suas casas e se mantenham atualizadas sobre as consequências ambientais de suas ações (MACGREGOR, 2006). Os domicílios estão conectados com toda uma miríade de sistemas sociotécnicos, o que dificulta a realização das pesquisas sobre as consequências ambientais das atividades do dia a dia. Ainda assim, pesquisar as consequências ambientais e assumir responsabilidade moral e prática pelas mesmas é o que se requer dos indivíduos, nos termos de muitas teorias ambientais (BECK, 1996; DOBSON, 2003; SEGERBERG, 2005; LINDSTRÖM & KÜLLER, 2008). Contudo, as pessoas podem negar responsabilidade ambiental devido à falta de possibilidades, falta de consequências previsíveis de suas ações, ou para reduzir suas próprias responsabilidades, atribuindo-as aos outros (UZZELL, 2000; LINDSTRÖM & KÜLLER, 2006).

Devido à preocupação com a situação ambiental, muitos estudos visam aumentar o entendimento de como fazer as pessoas agirem de maneira pró-ambiental. Embora alguns estudos procurem confirmar relações entre valores e comportamentos ambientais (THØGERSEN, 2002; NORDLUND & GARVILL, 2002), outros procuram entender o contexto em que os riscos e problemas são interpretados e discutidos e como isto influencia o desempenho (BRAND, 1997; LUNDGREN, 2000; LIDSKOG et al. 2003). Nos últimos estudos, as campanhas de conscientização e informação exerceram um papel destacado nas discussões sobre o que motiva as pessoas a agirem de maneira mais pró-ambiental.

Na pesquisa anterior, a relação entre problemas e riscos, próximos e distantes, receberam atenção (MEADOWCROFT, 2002; UZZELL, 2000). Um estudo levantou que os problemas ambientais mundiais são percebidos como tanto mais graves quanto mais afastados estiverem do observador e, ao mesmo tempo, as pessoas se consideram menos responsáveis pela solução daquilo que é percebido como um problema ambiental mundial (UZZELL, 2000). Um estudo sueco das prioridades e da alocação de responsabilidade pelo desenvolvimento sustentável em vários níveis de Lindström e Küller (2008) mostra que grande parte das questões relativas ao desenvolvimento sustentável foram percebidas como mais importantes para o mundo do que para a prefeitura ou para a família. O mesmo estudo mostrou que, com relação às ações particulares dos entrevistados ligadas ao desenvolvimento sustentável, alguns disseram que pretendiam diminuir o uso do automóvel, aumentar o uso

da bicicleta, economizar energia e água, cultivar vegetais pessoalmente, reciclar mais, tornar-se um consumidor mais consciente e diminuir o consumo (LINDSTRÖM & KÜLLER, 2008:329), tudo isso são exemplos de maneiras individuais de assumir responsabilidades. Contudo, os autores também mencionaram que a expressão “essas questões são tão grandes – o que podemos fazer?” eram bastante comuns (LINDSTRÖM & KÜLLER, 2008:329), o que direciona a atenção para a escala e a competência da ação. Neste contexto, a pesquisa pedagógica que mostrou não haver relação linear entre maior conhecimento e consciência e comportamento pró-ambiental, é relevante (PALOJOKI, 1997; BARR, 2002; SHANAHAN et al. 2003). O conhecimento tem que ser significativo para os moradores e contribuir com sugestões de atividades pertinentes (PALOJOKI, 1997; BARR, 2002). O “efeito experiência”, ademais, tende a aumentar a incorporação de novas atividades pró-ambiental (SHANAHAN et al. 2003:2).

O enfoque sobre mudanças no estilo de vida sugeriu que a atenção se voltou para a maneira como as pessoas agem em sua esfera privada, o que é aqui denominado lar. Como um lar pode ser composto de um ou mais indivíduos, que podem ter interesses divergentes, deveria ser usado o conceito de domicílio (SKILL, 2008). Cabe neste quadro a questão de uma abordagem contextual de como são conduzidas todas as práticas do dia a dia durante a vida diária e o quanto as práticas são sustentáveis (MACGREGOR, 2006).

O objetivo deste artigo é debater as maneiras como os domicílios suecos expressam sua preocupação com relação aos problemas e riscos ambientais, como tomam conhecimento dos problemas e riscos, e como atuam com relação à responsabilidade que percebem merecer. Em comparações internacionais de políticas nacionais para sustentabilidade ambiental, a Suécia em geral classifica-se em nível alto (CASIMIR & DUTILH, 2003). Como os suecos pensam sobre sua responsabilidade e como concebem os problemas ambientais pode, assim, ter uma relevância mais ampla em comparação com outros países, posto que podem aspirar por chegar em um nível similar. Contudo, comparar países pode ser difícil, devido a diferentes interpretações, com base no entendimento dos problemas ambientais e ao contexto cultural (LINDSTRÖM & KÜLLER, 2008). Em uma recente pesquisa que cruzou países sobre uso de automóvel, De Groot e Steg (2007) sublinham que o comportamento é também influenciado por características estruturais nacionais nos cinco países pesquisados, entre os

quais a Suécia, como a disponibilidade e qualidade de diversos modos de trabalho, nível de congestão ou estrutura espacial, que podem ativar diferentes valores quando se considera o uso do automóvel. As contextualizações institucionais e físicas são pertinentes, posto que conectam não apenas o que os domicílios expressaram como o que deveriam fazer, como também o que acreditam que podem fazer, o que é influenciado mediante habilitação de sistemas (SKILL, 2008). Discute-se que os resultados do presente estudo apresentam relevâncias mais amplas, posto que a complexidade como um desafio para a possibilidade de refletir sobre as consequências ambientais das atividades do dia a dia ocorrem em outro contexto nacional, da mesma forma.

O presente artigo desenha-se como segue: a primeira seção dedica-se aos estudos anteriores sobre a maneira como as pessoas compreendem os problemas e riscos ambientais, como o material foi coletado e analisado e os pontos de partida teóricos referentes ao risco para a sociedade, refletividade e individualização da responsabilidade ambiental. A segunda seção descreve o material oriundo das entrevistas com os domicílios suecos. São usadas duas passagens como ilustrações de maneiras típicas como os moradores se expressaram. A terceira e última discute os resultados e algumas conclusões extraídas sobre a maneira como percebem suas responsabilidades ambientais na nossa complexa sociedade atual.

### **Avaliação e entendimento dos problemas e riscos**

Se uma pessoa abandona uma sacola plástica e lixo na rua é fácil dizer quem é responsável pelo problema que vai surgir. É mais difícil conectar um simples percurso de carro e suas emissões a uma mudança evidente do clima, como a elevação dos níveis do mar. Os problemas e riscos ambientais podem, pois, ter diferentes complexidades, no sentido em que se estendem no tempo e no espaço, algumas vezes dificultando a estimativa das responsabilidades e obrigações, tanto com relação à causa como à solução dos problemas.

É essencial aqui, pois, discutir a relação entre riscos e problemas ambientais. Enquanto os problemas existem aqui e agora, os riscos dizem respeito a problemas futuros. Diversos grupos de pessoas podem avaliar os riscos de maneira diferente e não há uma relação direta entre os riscos calculados e a avaliação: enquanto alguns riscos são superestimados, outros são subestimados. As pessoas que vivem mais perto do risco tendem a negá-lo em maior extensão do que as pessoas que

vivem bem mais afastadas e sob menor condição de risco (UZZELL, 2000; LEISEROWITZ, 2006). A avaliação dos riscos e problemas ambientais baseia-se nas informações e no conhecimento disponíveis, o que pode se fundamentar em diversas racionalizações (FISCHER, 2003). O fato de que as pessoas tendem a se afligir mais com os riscos sobre os quais não têm controle levou os acadêmicos a promoverem poderes (LINDSTRÖM & KÜLLER, 2008), o que está em linha com as demandas em prol de uma participação mais ampla do público, conforme expresso na Agenda 21 (UNCED, 1993).

As percepções individuais dos problemas ambientais devem ser compreendidas com relação a processos sociais e culturais mais amplos (MEADOWCROFT, 2002), em que o conhecimento dos problemas e riscos ambientais são debatidos, legitimados e construídos entre atores humanos, nos quais a mídia de massa e a ciência muitas vezes exercem um papel (HANNIGAN, 1995; LIDSKOG et al. 2003). No entanto, como discutem Bickerstaff e Walker, os problemas ambientais têm materialidade e uma existência objetiva ontológica: “mas que o conceito e a classificação [dos mesmos] são socialmente contingentes ... as maneiras pelas quais as pessoas (inclusive cientistas e políticos) chegam a saber e a apreender [os mesmos] são sempre mediadas socialmente” (BICKERSTAFF & WALKER, 2003:46). Tomar uma perspectiva construtivista e social sobre os problemas e riscos ambientais acentua a interação.

### **Complexidade e comunicação em um mundo globalizado**

Vários acadêmicos enfatizaram como o mundo passou a se caracterizar pela compressão do tempo e do espaço, o que por sua vez contribuiu para uma noção modificada do novo e do longe (GIDDENS, 1994; MEADOWCROFT, 2002; DOBSON, 2003). As decisões na vida do dia a dia podem ter consequências ambientais globais e — ao contrário — os fenômenos globais podem exercer um impacto sobre a vida diária das pessoas. Como os problemas ambientais não respeitam necessariamente as fronteiras políticas e podem encurtar os caminhos entre jurisdições estabelecidas, é interessante discutir qual é a comunidade pertinente. As obrigações morais dos cidadãos individualmente frente à comunidade política são discutidas há séculos.

Tornar o público em geral consciente dos efeitos ambientais, próximos e distantes do comportamento diário, diz respeito à comunicação ambiental (PALM, 2006; cf. CARSON, 1962).

O aumento do conhecimento dos problemas algumas vezes é vinculado com sugestões de ações para melhoria da situação. A percepção direta dos problemas e riscos ambientais muitas vezes é considerada a principal motivação para o comportamento ambientalmente correto, e supõe informar como as pessoas tomam decisões sobre como agir, já que se considera que as pessoas agem sobretudo em interesse próprio (PATEMAN, 1970; ELIASOPH, 1998). A ideia sobre o quanto os sentimentos egoístas e altruístas motivam as atividades ambientais é bem mais central na teoria verde (DOBSON, 2003; BERGLUND & MATTI, 2006), que levou acadêmicos a sugerirem que as alterações de escalas e redefinições dos problemas podem ser uma estratégia da comunicação ambiental (MEADOWCROFT, 2002:173). Com este ponto de partida, torna-se importante agora revelar como os problemas ambientais ganham relevância para que recebam cuidados, por exemplo, sugerindo como tomar ações individuais.

Risco e ameaça ligam-se, teoricamente, à discussão de confiança e em que descrições o povo acredita. Diz respeito à confiança das pessoas em sua própria habilidade, como dos demais, de tomar conhecimento dos problemas, e de administrar ou diminuir riscos e solucionar problemas (BECK, 1996; FISCHER, 2003). Neste contexto é importante distinguir entre sentimento ameaçado por problemas ambientais e a expressão de consciência e conhecimento dos riscos ambientais (GYBERG, 2003). Com a ajuda da tecnologia, os humanos aprenderam a prever e a administrar alguns desastres naturais, mas, em outros casos considera-se que a tecnologia é a causadora do problema (BECK, 1992; MEADOWCROFT, 2002). Portanto, a tecnologia exerce uma função ambígua nos problemas e riscos ambientais.

A relação entre confiança e dúvida são de grande relevância nas discussões teóricas sobre a sociedade de risco (BECK, 1992), que têm influenciado muitos estudos ambientais. A teoria da sociedade de risco determina que o público, em amplitudes cada vez mais importantes, reconhece os perigos ambientais que acompanham os desenvolvimentos industriais e tecnológicos (BECK, 1992). A individualização da responsabilidade ambiental aguça a capacidade individual de contrapor e refletir sobre as consequências das atividades do dia a dia (BECK, 1996). No entanto, é provavelmente impossível ponderar sobre todo o impacto ambiental e toda atividade gerada pela “multiplicidade de sistemas abstratos” (GIDDENS, 1994:89) e a complexidade

inerente dos efeitos ambientais das atividades humanas. Segundo Giddens, as oportunidades de exercer controle – ausente em nossa complexa sociedade – substituí-se por crédito e confiança nos sistemas (GIDDENS, 1991). Qualquer pessoa que atentasse para os riscos ambientais o tempo todo teria toda probabilidade de ser considerada portadora de distúrbio mental (GIDDENS, 1996). Assim, reprimir os riscos e confiar nos outros é uma estratégia viável na sociedade contemporânea, um meio de lidar ou administrar os riscos e incertezas das nossas vidas diárias. Concluindo, é possível caracterizar a sociedade que Giddens retrata como uma sociedade da confiança, enquanto Beck descreve uma sociedade de risco, ainda que reconheçamos que eles compartilham de muitas similaridades em suas contribuições teóricas.

### **Métodos de estudo da vida dos domicílios no dia a dia**

Os lares contribuem para o estresse ambiental de várias maneiras (MIES & SHIVA, 1993). Neste artigo, é usado um estudo de caso sueco para analisar a relação entre conhecimento e percepções dos problemas ambientais entre domicílios, e como isso influencia as atividades destes como atores responsáveis. Um estudo de caso é adequado para um estudo complexo que visa depreender vários aspectos de um fenômeno (YIN, 2003). O caso presente baseia-se em material reunido de 48 entrevistas semi-estruturadas em domicílios suecos realizadas entre 2004 e 2006 com um total de 64 indivíduos. Foram recrutados entrevistados de idades e gêneros diferentes, assim como lares com números variados e, em geral, todos os membros dos lares participaram da entrevista. O objetivo não era recrutar ativistas ambientais. Trata-se de um estudo etnográfico qualitativo, que interpreta como este grupo de suecos argumenta. Descreverei as interpretações dos domicílios sobre os problemas ambientais que compartilharam através das entrevistas e como diferem entre os diversos tipos de problemas. A abordagem metodológica foi perguntar aos indivíduos sobre os problemas ambientais que achavam que existem; em seguida, fazer o acompanhamento, indagando se acreditavam que houvesse algo que pudessem fazer em seus próprios lares para neutralizar esses problemas. Com esta abordagem, os responsáveis pelos domicílios transmitiram informações sobre as possibilidades e limitações encontradas para agir de maneira pró-ambiental, ou seja, como a preocupação sobre o ambiente se transferia, ou não, para ações.

## Conversas sobre problemas e riscos ambientais

### Categorização dos problemas ambientais

A capacidade de observar as mudanças ambientais e determinar o que é ambientalmente destrutivo comporta um processo pedagógico em que os entrevistados podem usar seu próprio conhecimento para interpretar a natureza e as mudanças ambientais ou confiar nas interpretações dos outros, como ativistas ambientais, autoridades, membros da família, cientistas ou mídia (LUNDGREN 2003; FISCHER 2003). Através das entrevistas, o enfoque se centrou na forma como falavam sobre os problemas ambientais, e como eram motivados a práticas pró-ambientais, que vincula refletividade e intencionalidade à ação. O aspecto discursivo da refletividade demanda atenção.

As descrições que deram os entrevistados podem se dividir em três categorias diádicas: visível versus invisível, local versus global e, finalmente, problemas abstratos versus materializados, com base em como se expressaram sobre a maneira como chegam à percepção ou observação dos mesmos. Em determinados casos, essas categorias se equivalem, por exemplo quando um problema é visível, local, e materializado, como o lixo. A distinção entre problemas globais e locais se fez mediante a formulação de uma pergunta para mim, pedindo que esclarecesse a pergunta, se eu estava interessada em problemas ambientais “globais” ou “locais”, quando a resposta era sempre “ambos”. São, pois, as categorias empíricas. Após esclarecer a pergunta, os problemas ambientais locais que mencionavam compreendiam lixo, maus odores, fumaça das chaminés dos vizinhos e resíduos domésticos no lugar errado. Uma grande preocupação era o lixo em geral, que aqui é interpretado como um caso de ameaça à ordem e “matéria fora do lugar” (cf. DOUGLAS, 2002), não como dano à saúde humana, por exemplo. No entanto, lixo e plásticos que acabam em massas de água ou são comidos pelos animais são, naturalmente, problemas ambientais, mas nenhum dos entrevistados o explicou desta maneira. Este problema obviamente é gerado por humanos e, muito especialmente, os “outros irresponsáveis”, como é percebido e descrito por vários entrevistados, que atiram coisas ou lixo pela janela do carro nos postos de reciclagem. Os problemas globais mencionados foram aquecimento global, o buraco de ozônio, a acidificação, a eutroficação, a negligente derrubada das florestas tropicais e a desertificação. Poucos mencionaram a “negligente derrubada” as florestas na Suécia como um problema. A maioria dos entrevistados disse

que os problemas ambientais “globais” eclodiam em locais distantes e desconectados dos seus ambientes imediatos e contexto local. Tratam-se de problemas que geralmente não sentem como experimentados pessoalmente, mas que sabem existir e dos quais podem falar.

Alguns dos entrevistados aumentaram os níveis de rádio em suas casas, o que pode ser um dos riscos ambientais “mais próximos” que se possa imaginar. A preocupação com relação aos riscos conectados ao rádio era baixa e os entrevistados explicaram como administravam os riscos, ajustando suas casas (cf UZZELL, 2000). Para levar uma vida boa os entrevistados até descreveram que deveriam aceitar certos riscos, e que há limites para o que estão dispostos a fazer em prol do ambiente. Não estão interessados em sacrificar sua boa vida para se tornarem mais seguros. Implica isso em que valores diferentes são colocados uns contra os outros. Discutirei brevemente as atividades sugeridas que os entrevistados alegaram fazer, motivados pela preocupação ambiental.

Os pesticidas nas frutas e vegetais, segundo descritos, implicam em riscos para a saúde dos trabalhadores e crianças como consumidores, mas o uso diário de produtos químicos per se não foi considerado como implicando em nenhum risco inerente. A razão da percepção de produtos químicos como de menor risco nos dias de hoje se dá porque é possível deixar resíduos ou contêineres em postos ambientais, onde se acredita que sejam cuidados pelas autoridades. Neste sentido, acredita-se que as autoridades suecas, em geral, façam um bom trabalho.

### Como chegam a atentar para os problemas e riscos ambientais

Além de analisar o tipo de problemas ambientais que os entrevistados descreveram, a maneira como chegaram a ter conhecimento deles e de que foi também analisada. Alguns problemas ambientais são difíceis de observar e perceber, portanto tivemos de contar com simplificações e outras interpretações (FISCHER, 2003). Foi comum dizer que não experimentavam nenhum problema ambiental tangível. No entanto, vários entrevistados que vivem em áreas urbanas indicaram a baixa qualidade do ar como um problema ambiental que os afeta.

Os entrevistados que descreveram como observam as mudanças no ambiente, como a ausência de peixe, poeira entre as vidraças e lixo, distinguem-se dos que mencionaram saber sobre os problemas ambientais como o desmatamento negligente das florestas tropicais e, novamente,

daqueles que os experimentaram diretamente através de dores de cabeça ou alergia. No entanto, é difícil fazer uma distinção teórica entre saber sobre eles, observar e perceber os problemas ambientais, já que as pessoas podem “experimentar” ou ver os problemas ambientais através da mídia de massa, em que os problemas são descritos de inúmeras maneiras. Por exemplo, a mídia descreve os ursos polares como ameaçados, apresenta diagramas das mudanças quantificadas na poluição e mostram as pessoas que sofreram queimaduras solares nas regiões onde a camada de ozônio está fina. Essas interpretações das mudanças ambientais podem influenciar posteriormente a maneira da pessoa interpretar algo que venha a ler, a ver com os próprios olhos ou a experimentar como um problema ambiental. Ao focar essas interações, é muito plausível concluir que as pessoas aprendem o que esperar e como interpretar o ambiente.

A mídia de massa foi descrita como fonte de informações relativas aos problemas e aos riscos, mas também foi retratada como um canal pelo qual são afetados pela propaganda manipuladora para impulsionar o consumo. Vários entrevistados expressaram que somos enganados em direção a desejos por produtos que não nos tornam mais felizes, desejos que só contribuem para a destruição dos recursos naturais. Trata-se aqui da noção de uma distinção entre desejos criados e necessidades básicas (cf. NAESS, 1981).

Um ponto de partida na literatura reside em que se tornar consciente dos problemas ambientais pode levar a mudanças no comportamento para aliviar os problemas. Alguns dos entrevistados observaram problemas ambientais atentando às suas materializações. Desiree, moça na casa dos vinte anos, ilustrou este ponto na maneira como interage com suas rotinas:

*Desiree: Não sou do tipo de pessoa que presta atenção a tudo. Mas às vezes acordo e penso, ai, Meu Deus, veja essa massa preta entre as vidraças! Será que estou mesmo inalando isso tudo?*

*Entrevistador: Pensou em fazer alguma coisa com relação a isso?*

*Desiree: Bem, talvez sair menos de carro. Mas, ao mesmo tempo, é preciso ter dinheiro para comprar um carro ecológico, e eu não tenho.*

*Entrevistador: Você acha que está fazendo alguma coisa para reduzir as emissões?*

*Desiree: Não, [ri] nadinha! ... quando você se senta no carro e sai dirigindo, pensa, todo mundo tem carro! Não vai fazer diferença se eu mudar a minha rotina.*

A sua declaração é usada primeiramente para ilustrar o emaranhado de argumentos com que contribuíram os entrevistados, indo de usar menos o automóvel ao custo de um carro ecológico, à justificativa de porquê não tem que dirigir menos. Em segundo, a sua preocupação pode ser ligada à saúde, porque sofre de alergia, o que claramente a sensibiliza ao ambiente. Mas, como afirmado, observar a materialização do problema não a faz mudar as práticas do dia a dia. Poucos entrevistados discutiram o que seria necessário para mudar o comportamento diário e como os problemas e desastres ambientais poderiam ser ferramentas motivacionais para a mudança. Consideraram que informações esclarecedoras seriam uma maneira de estimular a mudança de comportamento.

De outro lado, alguns dos entrevistados enfatizaram que os problemas são de difícil percepção, posto que não são visíveis ou porque é difícil conectar uma atividade individual com os efeitos ambientais, como as consequências ambientais negativas do uso do automóvel (cf. LINDSTRÖM & KÜLLER, 2008). Neste mesmo percurso alguns mencionaram haver uma grande distância entre levar contêineres para reciclagem ao posto de reciclagem e observar qualquer melhoria ambiental, no ar ou no mar. Contudo, é questionável se observar tais melhorias seria possível de alguma maneira, dado onde são extraídos, processados, usados e reciclados os recursos naturais. Esta reflexão, porém, não os fez deixar de crer que a reciclagem era importante e que se trata de uma atividade que todos os lares devem realizar.

### **Confiança e como melhorou a situação**

A consciência dos riscos e problemas ambientais e a confiança estão intimamente conectados. Todos os entrevistados desta pesquisa mencionaram alguns problemas e riscos ambientais, e apenas um deles afirmou que não se importava com isso. Isto mostrou que todos sabiam como falar sobre os problemas, e que existem os conceitos para argumentar sobre os mesmos. Como já mencionado, porém, não foi comum haver entrevistados expressando percepções de ameaça ambiental. Esta seção concentra-se em quantos entrevistados expressaram que as condições ambientais na Suécia apresentaram melhorias e os argumentos que usaram para exemplificar o conceito. Vários dos problemas ambientais foram retratados como existentes em outras partes do mundo, com os quais, no entanto, expressaram os entrevistados ter uma responsabilidade moral frente a eles, sobretudo no que diz respeito às escolhas de consumo,

problemas ambientais onde muito relacionados aos processos de consumo e produção. Transferir a responsabilidade para as indústrias e não para a demanda dos lares foi um fenômeno comum, que aqui é interpretado como os entrevistados se liberando pessoalmente da responsabilidade até certo ponto, mesmo todos dizendo que os humanos criam os problemas ambientais coletivamente. Interpreta-se esse ponto como querendo dizer que se o processo de produção se aperfeiçoar, não será perigoso desejar e consumir os produtos.

Embora poucos entrevistados tenham argumentado que a condição do ambiente na Suécia melhorou devido à boa administração, alguns estavam pessimistas. Neste caso, a sociedade de consumo em si é a ameaça. Contudo, o mais comum foi confiar em que a poluição industrial esteja sendo administrada e supervisionada de maneira correta. Vale dizer que os entrevistados não precisam se incomodar em se manter informados sobre os problemas ambientais, já que os poderes responsáveis assumem a questão. De maneira geral, foram atribuídos baixo nível de risco aos produtos atuais, embora os entrevistados estejam abertos à possibilidade de que o conhecimento que têm dos produtos e seus conteúdos possa mudar. Houve uma série de expressões sobre como confiavam em que as autoridades suecas estejam examinando essas questões para eles, removendo os produtos ruins, tornando-os ilegais. Em alguns casos, o que previamente era um problema passou a ser reinterpretado como um recurso nos dias de hoje, como a reciclagem e o aquecimento distrital devido à incineração dos resíduos, em que a queima dos resíduos se transforma em energia. Mas a questão central está em que os riscos e problemas podem ser administrados com o auxílio da reciclagem, planos de etiquetagem e melhores fontes de energia. Como os problemas e riscos são administráveis, parece que não são considerados como ameaçadores. Ademais, grande parte dos entrevistados pesquisados confia em que as autoridades e outros atores “tomam conta deles” e os alertam sobre os produtos e processos perigosos. Implica isso em que a individualização da responsabilidade e a necessidade de se manter pessoalmente informado o tempo todo se transfere para terceiros. Ainda assim, através das descrições dos entrevistados, mostrou-se importante estar “consciente” dos problemas ambientais que existem no mundo, isto é, estar apto a falar sobre eles, mas a preocupação não necessariamente se transforma em agir de maneira mais ambientalmente correta.

### **Como assumir responsabilidade – e o desafio da complexidade**

Com o uso da tecnologia e dos recursos naturais as pessoas podem estender a sua marca, o seu “footprint” ecológico no tempo e no espaço o que, por sua vez, implica na dificuldade de controle dos efeitos das atividades individuais (WACKERNAGEL & REES, 1996). Os problemas ambientais podem ser um dilema coletivo, já que é o agregado de resultados das ações individuais que provoca muitos problemas ambientais, e alguns segmentos da sociedade podem exercer efeitos sobre as oportunidades de vida em outros grupos de pessoas.

Os entrevistados da presente pesquisa foram indagados se podiam exercer influência sobre os problemas ambientais que mencionaram. Vários entrevistados justificaram as atividades ambientalmente corretas não pelo fato de serem afetados pessoalmente, mas pelos demais, isto é, animais e pessoas. Significa, pois, que não é necessariamente o interesse próprio que motiva a sua preocupação, mas o fato de algo ter se tornado relevante e, assim, merecer o cuidado. Entre as várias descrições, ficou óbvio que a atenção com o ambiente e o fato de assumir responsabilidade ambiental estava na mesma linha que a reciclagem. Aqui é importante dar uma descrição mais elaborada de como os entrevistados discutiram a reciclagem, que tem muito a ver com complexidade. Muitos consideraram o uso da energia de que a reciclagem necessita, devido à necessidade de lavar os contêineres antes de entregá-los no posto de reciclagem, e como medir os prós e os contras, por exemplo, do uso do automóvel ao levar os produtos recicláveis até o posto de reciclagem devido às emissões. No entanto, parece que o fato de haver um sistema formal de reciclagem os faz confiar na utilidade que exerce na melhoria das condições ambientais.

Outra escolha ambiental que mencionaram os entrevistados está na compra de produtos com a etiqueta verde. Contudo, a complexidade é central até mesmo neste ponto. A resposta que deram Vanja e Vilhelm, um casal na faixa dos quarenta anos com dois filhos, é bastante ilustrativa de como os entrevistados nesta pesquisa observam e interpretam a sociedade circundante com relação, por exemplo, às etiquetas verdes:

*Vilhelm: Mas nós sabemos que [o rótulo ecológico “Swan” é bom]? Nós verificamos que o fósforo contido no detergente que é proibido na Alemanha não é proibido na Suécia. As pessoas que não estão conectadas com uma usina de tratamento de água, como nós, devem usar detergente sem teor de fósforo. Mas eu não tenho indicação alguma se o nosso*

*detergente contém fósforo ou não. Naturalmente, é possível ler a etiqueta. ....*

*Vanja: Não, por que até certo ponto você confia que é bom desde que contenha uma etiqueta como esta. Então você confia, mesmo que não saiba exatamente o que significa.*

Como um ingrediente do detergente é permitido em um país mas não em outro, isso os leva a refletir sobre o real impacto ambiental. Há uma discussão similar sobre a relação entre o consumo de produtos com rótulos ecológicos e as quantidades que usavam. Será que a quantidade importa, se uso detergente com rótulo ecológico? Isso chama a atenção para a complexidade das atividades do dia a dia em níveis bastante detalhados, e em que razão basear uma decisão de que algo é pró-ambiental, ou mais/menos ambiental em comparação com alguma outra coisa. Embora algumas etiquetas indiquem que o produto é menos danoso que outros, outras indicam que são inerentemente “bons”. Mas isso não foi ponto de discussão por parte dos entrevistados. Os entrevistados enfatizaram que comprar produtos com rótulo ecológico é uma maneira importante de ajudar a melhorar as condições ambientais. Várias mulheres descreveram como compram vegetais orgânicos para seus filhos, já que acreditam ser mais saudáveis e que confiam nas etiquetas, mesmo que nunca tenham investigado a implicação completa do que implica aquela etiquetagem, o que está bem ilustrado na citação acima. Neste sentido, um sistema existente, como o esquema de etiquetagem, pode contribuir para a criação de uma simplificação da complexidade. Temos aqui um dos vários exemplos do que os entrevistados expressaram com relação ao julgamento sobre o que é menos danoso em termos ambientais entre as atividades do dia a dia.

Neste contexto foi ainda possível observar uma ideia sobre como são intercambiáveis as diferentes atividades do dia a dia com os efeitos ambientais. Se fazem alguma coisa que é considerado ruim ambientalmente, como usar muito o automóvel, é possível corrigir o fato realizando algumas atividades boas, como adquirir produtos orgânicos ou reciclar. Esta noção é interessante, pois conecta o conhecimento sobre a influência pessoal sobre o ambiente e como transformá-la na prática – e como racionalizar e justificar as atividades. Parece que os entrevistados decidiram realizar determinadas atividades para reduzir o impacto negativo sobre o ambiente, muito embora não estejam completamente seguros de sua eficácia, dadas as dificuldades em compreender completamente as complexidades.

Contudo, o enfoque sobre a maneira como os entrevistados simplificaram a complexidade através do cumprimento de uma série de atividades ambientalmente sólidas tem a ver com o que expressaram quanto a haver um limite ao que estão dispostos a fazer.

## **Debate – consciência, reflexão e confiança**

A sociedade moderna recente criou riscos e problemas ambientais potencialmente imensos. A demanda imposta sobre os indivíduos de se manterem atualizados e refletirem sobre as consequências ambientais, assim como estarem aptos a justificar ações e escolhas é parte desta sociedade (GIDDENS 1994; BECK 1996; SEGERBERG 2005). O presente artigo enfocou a responsabilidade individual frente aos problemas e riscos ambientais, conforme os percebem os entrevistados suecos. Os entrevistados expressaram que têm determinadas responsabilidades, tanto frente à criação dos problemas ambientais, como para atenuá-los. O presente estudo indica que, mediante a realização de várias atividades motivadas pelo respeito ao verde, sobretudo a reciclagem do desperdício doméstico, os entrevistados suecos se liberam da consciência pesada com relação a uma área frente à qual se sentem moralmente obrigados e responsáveis. Porém, o que, à primeira vista parece ser uma alternativa melhor, como a reciclagem ou a compra de um carro ecológico, pode se transformar em decisão complexa e difícil, devido à extensão dos detalhes envolvidos e em função do que se pode comparar com uma escolha específica. Uma forma de lidar com a complexidade da sociedade contemporânea é confiar no julgamento de terceiros, em vez de se manter atualizado ou então confiar em que os demais atores, como autoridades, estão cuidando por você e vão lhe dizer quando alguma coisa é perigosa. Desta perspectiva, parece mais correto se falar em sociedade da confiança do que em sociedade de risco.

Várias das questões na Suécia são problemas manejáveis, no sentido de que os entrevistados transferem a consciência dos problemas para ações reais. Estruturas materiais, como etiquetas ecológicas e postos de reciclagem ajudam os entrevistados de certa maneira, ainda que não seja propriamente como um sistema existente – há muitas pistas para bicicletas sem que necessariamente as pessoas as usem. A incorporação de atividades pró-ambientais não diz respeito à confiança, mas ao que é considerado “razoável” para levar uma vida boa, sem sacrificar muito.

Em grande parte das discussões sobre os

problemas ambientais na nossa atual sociedade ocidental, menciona-se o aspecto transnacional dos problemas, o que implica em que as pessoas esperam ter de considerar os efeitos ambientais de suas atividades mais ou menos onde eles surgem. (DOBSON, 2003). Neste estudo, os entrevistados perguntaram especificamente se eu estava interessada em problemas “locais” ou “globais”. O estudo mostra muitas similaridades com uma pesquisa sueca sobre percepções do público realizada por Lindström e Küller (2008) referente à expressão de considerações morais, as sugestões do que acreditavam poder contribuir e a impressão da tremenda complexidade que há em se lidar com as questões ambientais globais. Parece plausível argumentar de que não se trata necessariamente de problemas e riscos fisicamente próximos, mas da maneira como os problemas ambientais se tornam “relevantes” e como se vinculam às atividades a realizar para que as pessoas possam contribuir, é isso que importa.

Os entrevistados desta pesquisa descrevem e discutem vários problemas ambientais e consequências das atividades dos indivíduos. Ao mesmo tempo, pareceu importante para eles mostrar que são “conscientes ambientalmente” e que conhecem as relações entre causas e efeitos ambientais, mas a complexidade pode ser um obstáculo para saber como agir de maneira mais ambientalmente correta. As dificuldades de medir as diferentes escolhas entre si pode resultar em confusão e até mesmo em passividade quando se trata de empreender atividades ambientalmente sólidas, mesmo sendo importante enfatizar que decidiram realizar determinadas atividades específicas, como reciclagem e compra de produtos com rótulo verde.

## Conclusão

O objetivo geral deste artigo foi descrever e analisar o grau de relação entre a consciência sobre a deterioração ambiental e o risco ambiental e as atividades pró-ambientais no dia a dia por parte dos lares. Os entrevistados estudados se mostram aptos a descrever e falar sobre os problemas ambientais dos quais já tomaram conhecimento e dos quais têm uma consciência discursiva. Neste estudo, em algumas instâncias, foi a saúde individual dos entrevistados a motivação de sua atenção para com o ambiente, ou a saúde dos filhos, mas, de maneira mais geral, foi expressa a preocupação com os outros, o que vai a par da noção de que os problemas ambientais mundiais surgem em locais distantes e não os afetam. Este artigo mostrou que os entrevistados têm pouco tempo e interesse em

levantar e investigar todas as diferentes escolhas, mas também, o que é igualmente interessante, que é difícil decidir como medir a escolha que se mostra mais sólida em termos ambientais. A complexidade, pois, é um grande desafio para a ação competente. A complexidade serviu tanto de ponto de partida para este artigo como faz parte de suas conclusões. A complexidade é uma questão central, pois pode ser bem difícil saber quais são as “melhores” atividades de motivação ambiental, dadas as diferentes racionalidades em que se baseia a medição. Simplificando-se a complexidade, e através da habilitação de estruturas, como postos de reciclagem e planos de etiquetagem, os entrevistados podem “seguir” com suas vidas do dia a dia. O artigo mostrou que os entrevistados expressaram haver oportunidades para gerenciar os riscos e problemas que decorrem em consequência das nossas vidas do dia a dia. Os entrevistados mostraram que, sim, podem estar cientes dos problemas e riscos ambientais sem fazer alguma coisa para mudar a situação. Mesmo que pareça muito importante para eles ajudar a reciclar e tratar o lixo, aceitam determinados riscos para viver uma “boa vida”. Este fato de que a consciência sobre os problemas e riscos ambientais não são suficientes para iniciar a incorporação de práticas pró-ambientais não é uma conclusão inteiramente nova, posto que já foi enfatizada em pesquisas sobre poder e competência de ação. Os resultados indicam que a comunicação ambiental deve ter como foco a maneira de lidar com a complexidade, e como julgar o que é mais ou menos ambientalmente correto em níveis de detalhes nas atividades do dia a dia do lar. Outra conclusão diz respeito a que os entrevistados esperam que as autoridades estejam tomando conta por eles e que lhes informem quando há presença de algo que implique em riscos ambientais por algum motivo, ou que crie sistemas que possam administrar os problemas ambientais como sistemas de reciclagem ou planos de etiquetagem. Assim, é mais correto se falar em sociedade da confiança do que em sociedade de risco.

## Nota

A pesquisa realizada para este artigo foi financiada pelo Departamento de Proteção Ambiental Sueco no âmbito do programa de pesquisa multidisciplinar SHARP.

## Referências bibliográficas

BARR, S. *Household Waste in Social Perspective*. Values, attitudes, situations and behaviour. Aldershot: Ashgate, 2002.

- BECK, U. **Risk Society – Towards a New Modernity**. London, Newbury Park, New Delhi: Sage Publications, 1992.
- BECK, U. **Att uppfinna det politiska**: Bidrag till en teori om reflexive modernisering. Inventing the political: contributions to a theory of reflexive modernization. Uddevalla: Daidalos, 1996.
- BICKERSTAFF, K. The place(s) of matter: matter out of place – public understandings of air pollution. **Progress in Human Geography**, v. 27, n. 1, p. 45-67. 2003
- BERGLUND, C.; SIMON, M. Citizen and consumer: the dual role of individuals in environmental policy. **Environmental Politics**, v. 15, n. 4, p. 550-71. 2006.
- BRAND, K-W. Environmental consciousness and behaviour: the greening of lifestyles. In: **The International Handbook of Environmental Sociology**, (eds.) Michael Redclift & Graham Woodgate. Cheltenham and Northampton: Edward Elgar. 1997
- CARSON, R. **Silent Spring**. New York: Fawcett World Library. 1962
- CASIMIR, G. & DUTILH C. Sustainability: a gender studies perspective. **International Journal of Consumer Studies**, v. 27, p 316-25. 2003
- CAPLAN, P. **Risk Revisited**. London: Pluto Press. 2000.
- DE GROOT, J. I. M.; STEG, L. Value orientations and environmental beliefs in five countries: Validity of an instrument to measure egoistic, altruistic and biospheric value orientations. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 38, n. 3, p. 318-32. 2007
- DOBSON, A. **Citizenship and the Environment**. Oxford: Oxford University Press. 2003
- DOUGLAS, M. **Purity and danger**: an analysis of concept of pollution and taboo. London & New York: Routledge. 2002
- Eliasoph, N. **Avoiding politics**: how americans produce apathy in everyday life. Cambridge: Cambridge University Press. 1998
- FISCHER, F. **Citizens, experts and the environment**: the politics of local knowledge. Durham and London: Duke University Press. 2003
- GIDDENS, A. **The constitution of society**: outline of the theory of structuration. Cornwall: Polity Press. 1989
- GIDDENS, A. **Living in a Post-Traditional Society**. In: **Reflexive modernization**: politics, tradition and aesthetics in the modern social order. Beck U., Giddens A., Lash S. (Eds.). Cambridge: Polity Press. 1994.
- GIDDENS, A. **Modernitetens följder**. Consequences of Modernity. Lund: Studentlitteratur. 1996.
- GYBERG, P. **Energi som kunskapsområde**: om praktik och diskurser i skolan. Energy as a field of knowledge: on practice and discourse in school. Diss. Linköping: Unitryck. 2003
- LUNDGREN, L. J. **Vägar till kunskap – några aspekter på humanvetenskaplig och annan miljöforskning**. Ways to Knowledge: Some Aspects of Environmental Research in Humanities. Stockholm: Brutus Östlings Bokförlag Symposion. 2003
- LUNDGREN, L. J. **Knowing and doing**: on knowledge and action in environmental protection. Stockholm: Swedish Environmental Protection Agency. 2000
- LEISEROWITZ, A. Climate change risk perception and policy preferences: the role of affect, imagery, and values. **Climatic Change**. v. 77, p. 45–72. 2006.
- LIDSKOG, Rolf et al. **Samhälle, risk och miljö**: sociologiska perspektiv på det moderna samhällets miljöproblem. Society, risk and environment: sociological perspectives on environmental problems in modern society. Lund: Studentlitteratur. 2003
- LINDSTRÖM, M.; KÜLLER, R. Sustainable development in four Swedish communities priorities, responsibility, empowerment. **Environment, Development and Sustainability**, v. 10, n. 3, p. 311-36. 2008.
- MEADOWCROFT. Politics of scale: some implications for environmental governance. **Landscape and Urban Planning**, v. 61, n. 2-4, p. 169-79. 2002.
- MIES, M.; VANDANA, S. **Ecofeminism**. Lonon: Zed Books. 1993.
- Naess, A. **Ecology, community and lifestyle**: outline of an ecosophy. Cambridge: Cambridge University Press. 1981
- NORDLUND, A.; JÖRGEN, G. Value structures behind pro-environmental behavior. **Environment and Behavior**. v. 34, n. 6, p. 864-69. 2002.
- PALM, L. **Handbok i klimatkommunikation**. Handbook on Climate Communication. Klimatkommunerna & Sveriges Ekokommuner. JMS Mediasystem. 2006

- PALJOJOKI, P. **The complexity of food related activities in a household context**: a study of Finnish home makers' food choices and nutrition knowledge. Helsinki: Department of Teachers Education, University of Helsinki. 1997
- PATEMAN, C. **Participation and democratic theory**. Cambridge: Cambridge University Press. 1970
- SEGERBERG, A. **Thinking doing**: the politicisation of thoughtless action. Diss. Stockholm: Elanders Gotab. 2005
- SHANAHAN, H.; ANNIKA C.-K.; EKSTRÖM M. P. Exploring opportunities for eco-sound food habits. Households and research in partnership. **Kappa Omicron FORUM**, v. 14, n. 1, p. 1-15. 2003
- SKILL, K. **(Re)creating ecological action space**: householders' activities for sustainable development in Sweden. Diss. Linköping: Unityck. 2008
- THØGERSEN, J. Direct experience and the strength of the personal norm-behaviour relationship. **Psychology and Marketing**, v. 19, p. 881-93. 2002.
- UNCED. **Agenda 21**. Förenta Nationernas konferens om miljö och utveckling [The United Nation's Conference on Environment and Development]. UNCED biblioteket. Volym II. Stockholm: Nordstedts Tryckeri AB. 1993.
- UZZELL, D. The psycho-spatial dimensions of global environmental problems. **Journal of environmental psychology**, v. 20, 307-18. 2000.
- YIN, R. K. **Case study research**: design and methods. Thousand Oaks California: Sage Publications. 2003
- WACKERNAGEL, M.; WILLIAM E. R. **Our ecological footprint**: reducing human impact on the earth. Philadelphia: New Society Publishers. 1996



## Sobre a autora

### *Karin Skill*

Obteve PhD em Tecnologia e mudança social em um departamento multidisciplinar da Universidade de Linköping em setembro de 2008. Em 2003 recebeu o grau de mestrado em antropologia e história aplicadas. Através de suas pesquisas, ela tem se concentrado sobretudo no desenvolvimento sustentável e mudança e tem interesse em pedagogia intercultural e teoria pós-colonial. Está empregada junto ao Departamento para a Gestão de Engenharia (IEI), desde setembro de 2008 e também é professora no Programa de Ciências Ambientais. Ao longo de 2009 esteve realizando um estudo de campo na Argentina sobre como as organizações ambientais criam e comunicam responsabilidade ambiental.